A CONTRIBUIÇÃO DOS TEXTOS JUVENIS DE ENGELS À CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA

Rodrigo Castelo Branco♦

INTRODUÇÃO

Na história do marxismo existem inúmeras discussões sobre este ou aquele tema. O papel da obra de Engels é um dos nós centrais dos debates socialistas, e não podemos deixar de registrar algumas palavras a este respeito, dado que estamos celebrando, no ano presente, uma data especial – os 110 anos da morte do grande epígono do marxismo.

Certa vez Engels escreveu sobre o seu papel na formulação das teses do socialismo científico. Enquanto Marx foi vivo, colocou-se como um "segundo violino", com o velho Mouro ocupando a regência da orquestra. Após a morte do regente, dizia que seu nome estava sendo superestimado pelos companheiros socialistas. Pura modéstia.

Engels foi um pensador original, e não apenas um amigo e colaborador de Marx. Ele teve, até 1844, um desenvolvimento intelectual e político autônomo e chegou ao comunismo, ao materialismo e à crítica da economia política antes de Marx, fato negligenciado pela maioria dos marxistas. "Freqüentemente, a sua obra aparece colocada como mero adendo à portentosa arquitetura marxiana; freqüentemente, se deixa na sombra *a sua influência sobre Marx*; freqüentemente se menospreza a sua *contribuição pessoal* ao que hoje conhecemos como teoria marxista"[1].

A presente comunicação tem como objeto central, as duas principais obras escritas na juventude de Engels, *Esboço de uma crítica da economia política* (1844) e *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* (1845), e, como objetivo principal, a demonstração da importância que tais textos exerceram na crítica da economia política dos quatro livros de *O Capital*.

♦ Mestrando da Escola de Serviço Social/UFRJ e membro colaborador do Laboratório de Estudos Marxistas (LEMA), do Instituto de Economia da UFRJ. Correio eletrônico para contato: rodrigo.castelo@ig.com.br

[1] José Paulo Netto, *F. Engels: subsídios para uma aproximação*, p.27, grifos originais. In: Friedrich Engels: política. José Paulo Netto (org.). São Paulo: Ática, 1981.

I. O GENIAL ESBOÇO

Preocupado com as preferências do seu filho pelas artes e, pior, pela agitação política, o que poderia desviá-lo dos negócios familiares, o velho Friedrich obrigou Engels a abandonar os estudos do liceu para aprender, na forma de estágio, as artimanhas do comércio. Para isto, enviou-o, primeiro, ao porto alemão de Bremen, depois para Manchester, o epicentro da Revolução Industrial. Como ironia da história, o feitiço virou contra o feiticeiro. Por força da decisão paterna, Engels acabou nos braços do operariado, e, conseqüentemente, do comunismo.

Da literatura, passando pela filosofia, Engels, rapidamente, migrou do terreno da erudição e da metafísica para o real, o mundano e o profano. O desenvolvimento econômico avançado e a primazia política internacional tornaram o Império Britânico um ponto de observação privilegiado ao estudioso interessado em entender os impactos sociais da Revolução Industrial. A Inglaterra, assim, foi o laboratório de Engels nos seus estudos da classe trabalhadora no surgimento da grande indústria. Nas suas próprias palavras,

> "enquanto vivia em Manchester, defrontei-me com o fato de que os fenômenos econômicos, a que até então os historiadores não haviam dado qualquer importância ou apenas uma importância muito secundária, são uma força histórica decisiva, pelo menos no mundo moderno; constatei que esses fenômenos são a base sobre que surgem os atuais antagonismos de classe (...)".[2]

E foi lá, nas ilhas britânicas, que surgiram os principais porta-vozes e teóricos da burguesia. Nas figuras de Adam Smith e David Ricardo, tivemos, ao seu tempo, os melhores retratos da economia política e do capitalismo. Preocupado com as profundas alterações sociais que ocorriam a sua volta, Engels percebeu a necessidade de estudar a economia para entendê-las, e, se possível, alterá-las a partir de uma intervenção direta, ou seja, a partir da luta de classes. Dos seus estudos iniciais da teoria econômica inglesa, surgiu o artigo *Esboço de uma crítica da economia política*, publicado na revista *Anais Franco-Alemães*, editada em Paris por Arnold Ruge e Karl Marx.

[2] Friedrich Engels, *Contribuição à história da Liga dos Comunistas*, p. 157. In: Karl Marx e Friedrich Engels. Obras Escolhidas. Volume 3. São Paulo: Alfa-ômega, 1979.

O *Esboço de uma crítica da economia política*, apesar de possuir um estilo fragmentado, dividido em várias seções não enumeradas, pode ser lido a partir de três grandes eixos: concorrência, propriedade privada e crises comerciais. Vejamos, sem nos profundarmos muito, devido ao espaço limitado da comunicação, cada um desses três eixos temáticos.

A pré-história ideológica da economia política é encontrada na escola mercantilista. Segundo Engels, o mercantilismo reproduzia, no plano intelectual, a competição das grandes nações coloniais européias pela conquista de fatias do mercado mundial e fontes de matérias-primas e mercadorias consideradas valiosas no Velho Continente. O principal objetivo das nações coloniais era a obtenção de grandes somas de riqueza líquida, no caso, ouro e prata, seja pela forma que for – pilhagem, pirataria, massacre de populações nativas.

Economicamente falando, o principal meio de obtenção de reservas de metais preciosos era uma balança comercial superavitária, isto é, as exportações deveriam ser maiores do que as importações. Desta forma, o mercado mundial passou a ser visto como uma arena de disputa pelo ouro e prata em circulação, onde somente os mais fortes ganhariam a competição interestatal.

Tudo isto vai mudar com a Revolução Industrial, que altera o foco da percepção de que a riqueza é gerada na esfera das trocas. De acordo com as principais teorias da economia política, o trabalho é a fonte de produção de riqueza das nações, e, acrescenta Engels, da classe dominante – "a expressão *riqueza nacional* impôs-se apenas pela sede de universalidade dos economistas liberais. Enquanto existir a propriedade privada, esta expressão carece de sentido. A "riqueza nacional" dos ingleses é muito grande e, contudo, o povo inglês é o mais miserável da Terra".[3]

Agora, ao invés de ficar estagnada nos cofres, a riqueza nacional aumentaria em proporções muito maiores caso circulasse e fosse produzida num ritmo acelerado. Daí os economistas ingleses substituírem o fetichismo entesourador dos mercantilistas pelo sistema mundial de livre comércio, que derrubaria as limitações impostas à circulação plena dos bens produzidos em larga escala pelo novo sistema fabril.

[3] Friedrich Engels, [1844] *Esboço de uma crítica da economia política*, p.58, grifos originais. In: Friedrich Engels: política. José Paulo Netto (org.). São Paulo: Ática, 1981.

Apesar das mudanças significativas nos planos da política internacional e da teoria econômica, a concorrência continuou mais feroz do que nunca, jogando, numa guerra incessante, os homens uns contra os outros. Engels descreve a concorrência e o individualismo da seguinte maneira: "(...) horda de bestas ferozes (...) que se entredevoram precisamente porque cada um partilha com todos os outros dos mesmos interesses (...)"[4]. Esta é a regra básica do capitalismo selvagem, sendo a concorrência a categoria central da economia política[5].

A escola mercantilista, por excelência, foi a defensora dos monopólios de produção e de comércio. Já a economia política advogou a livre concorrência entre nações e agentes econômicos individuais. Assim, à primeira vista, monopólio e concorrência seriam dois fenômenos antitéticos, excludentes entre si. De um ponto de vista dialético, Engels contesta a falsa oposição existente entre monopólio e concorrência, afirmando que, no capitalismo, um não vive sem o outro. Segundo nosso autor,

> "é fácil compreender que este antagonismo é também absolutamente vazio. Quem quer que entre no jogo da concorrência *deve* desejar o monopólio, seja trabalhador, capitalista ou proprietário fundiário. Qualquer pequeno grupo de concorrentes deve desejar assegurar um monopólio contra todos os outros. A concorrência assenta no lucro e o lucro origina, em troca, o monopólio".[6]

A questão é que os economistas liberais, hipocritamente, não atentam para o fato da "livre" concorrência pressupor um determinado tipo de monopólio, a saber, o monopólio da propriedade privada. Ou seja, a propriedade, além de ser um roubo consentido, é a cristalização formal (jurídica) de uma ordem onde o burguês sobrepõem-se ao cidadão, alienando o homem da sua humanidade. Neste ambiente de competição, onde cada um luta individualmente pela apropriação contínua de mais-valor, os interesses particulares sobrepõem-se ao interesse universal, que deseja, por sua vez, de maneira antagônica ao individualismo, a distribuição igualitária da riqueza entre todos os membros da sociedade[7].

Em resumo: nestes primeiros dois eixos temáticos do seu *Esboço*, Engels não diz nada essencialmente novo. O cerne da crítica engelsiana à economia política gira em torno

[4] *Ibid*, p.60.
[5] *Ibid*, p.68
[6] *Ibid*, p.69
[7] *Ibid*, p.66

dos efeitos desumanos resultantes da concorrência capitalista e da propriedade privada burguesa. Ele polemiza, num tom excessivamente moralista, com as duas escolas do pensamento econômico, mercantilistas e liberais, seguindo de perto tudo aquilo que os socialistas utópicos – Fourier e Proudhon, particularmente – já haviam dito.

Se o *Esboço* resume-se ao que afirmamos acima, afinal, por que Marx descreveu-o como genial, no *Prefácio* de 1859[8]? Apesar das limitações do texto[9], Engels aplica, pela primeira vez, a dialética hegeliana à análise da realidade econômica capitalista, o que lhe permite ver a totalidade dos processos sociais, suas contradições e algumas leis históricas e tendenciais duradouras, embora não as formule claramente[10]. O grande *insight* presente no *Esboço* é a percepção de que a polarização da sociedade em duas classes sociais, burgueses e trabalhadores, decorre da propriedade privada e da dominação do capital sobre o trabalho que daí decorre[11]. É aqui que entra o último eixo temático do *Esboço*, onde a teoria malthusiana da população é alvo da crítica engelsiana.

A lei da oferta e da demanda é um dos corolários centrais da economia política. Segundo esta lei, a economia nacional tende para o equilíbrio natural dos bens fabricados e da procura por tais bens, caso os mecanismos de concorrência não encontrem impedimentos de qualquer ordem. Na prática, contudo, esta teoria não funciona. O que se vê na realidade é um descompasso contínuo entre oferta e demanda em vários setores, e na economia como um todo. De tempos em tempos, ou a oferta supera a demanda ou fica abaixo dela, e vice-versa; raramente temos um pleno emprego dos fatores de produção.

No capitalismo, como sabemos, não há qualquer tipo de regulação central, ou planejamento macro de investimento, produção e consumo. Os empresários tomam suas decisões de investir de acordo com suas expectativas individuais, atuando de forma atomizada e descentralizada. Ao invés do equilíbrio, temos a anarquia social da produção

---

[8] "Engels, com quem mantive constante intercâmbio escrito de idéias, desde a publicação do seu genial esboço sobre a crítica das categorias econômicas (nos Anais Franco-Alemães), havia chegado por caminho diferente (veja-se o seu livro A Situação da Classe Operária na Inglaterra) ao mesmo resultado que eu". Karl Marx [1859], *Prefácio à Contribuição à crítica da economia política*, p.302. In: Karl Marx e Friedrich Engels, Obra Escolhidas, volume 1. São Paulo: Alfa-omega, 1979.

[9] A título de ilustração, Engels pouco compreendeu a teoria do valor da economia política, em especial de Ricardo, nó central da crítica da economia política que Marx destrinchará ao longo da década de 1850 e início de 60.

[10] Temos em mente a lei geral da acumulação capitalista, que ganha sua forma cientifíca no capítulo XXIII d´*O Capital*.

[11] *Ibid*, pp.67-68

regendo o sistema capitalista, o que leva a uma situação incontornável de desequilíbrio entre oferta e demanda.

O resultado desse desequilíbrio são as crises econômicas, que surgem com uma regularidade cíclica muito precisa[12]. O fundamental, entretanto, não é sua regularidade, mas a profundidade que cada crise traz consigo; com o desenvolvimento dos ciclos econômicos, cada crise é maior do que a anterior, ocasionando, numa escala crescente, maiores danos sociais aos trabalhadores, como desemprego, fome e pauperismo.

A perversidade das crises reside no fato do pauperismo conviver com a abundância e o supérfluo, com o luxo e o consumo conspicioso. O alto desenvolvimento das forças produtivas gera um excesso de oferta que a demanda é incapaz de absorver, dado seu baixo poder de compra. Com a crise da superprodução instalada, os mecanismos de mercado, ao invés de distribuírem este "excesso" para a classe trabalhadora, acabam por destruir mercadorias, forças produtivas e postos de trabalho. Ou seja, na crise de superprodução, a miséria é produzida socialmente pelos mecanismos automáticos da sociedade mecantil, e não como algo natural, como supunha erroneamente a teoria malthusiana.

Segundo o reverendo Malthus, a população cresce muito mais rapidamente – progressão geométrica – do que os meios de subsistência – progressão aritmética –, o que acarretaria, no lugar da superprodução, uma superpopulação. A regulação deste descompasso seria dado por meios naturais (fome, doença) e sociais (guerra), fatores que aumentariam a mortalidade dos trabalhadores, diminuindo, conseqüentemente, seu número até equilibrá-los com os meios de subsistência disponíveis.

Inconformado com tais explicações naturalistas de fenômenos sociais, Engels refuta a teoria malthusiana provando que o pauperismo não é conseqüência de fatores naturais, como, por exemplo, pragas nas plantações, catátrofes ambientais e crescimento populacional, mas sim como produtos do caráter privado da apropriação dos bens produzidos socialmente. Engels argumenta que a riqueza é abundantemente produzida, mas apropriada por poucos, muito poucos, em detrimento da maioria da população. O constante aproveitamento tecnológico das descobertas científicas nos processos fabris e o alto desenvolvimento das forças produtivas invalidam, por completo, a economia lúgubre de Malthus, e esfumaçam a bruma ideológica da superpopulação. Logo, as causas dos

[12] *Ibid*, p.70

problemas sociais no capitalismo só podem ser encontradas na superprodução e na distribuição desigual da renda e riqueza.

Mas, por que isto é fundamental na crítica engelsiana? Ora, se os efeitos das crises econômicas são cada vez mais danosos a classe trabalhadora, a revolta desta contra o sistema capitalista cresce na proporção direta do pauperismo, condição social insuportável a médio e longo prazos. Os desdobramentos do acúmulo da revolta dos trabalhadores levam, por fim, a revolução social – "vimos tudo isto e tudo isto nos leva a suprimir este aviltamento da humanidade ao suprimir a propriedade privada, a concorrência e os interesses antagônicos"[13].

II. A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA

No parágrafo final do *Esboço*, Engels deixa em aberto um tema de suma importância para o entendimento das relações sociais do modo de produção capitalista: o sistema fabril. Consciente desta lacuna, o autor alemão vai, no ano seguinte, reunir suas anotações sobre industrialização e miséria tomadas durante sua permanência em Manchester, e dar uma redação final ao extenso material, para publicá-lo na forma de livro.

Desde sua chegada na Inglaterra, em 1842, Engels escrevia trabalhos[14] a respeito da situação de miséria e opressão vivida pela população rural arrancada das suas raízes, e agora jogada nas periferias fétidas e insalúbres das grandes cidades industriais. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*[15], de 1845, é uma espécie de síntese final dos seus estudos juvenis sobre os impactos sociais do capitalistamo sobre a classe trabalhadora.

Nessa obra, Engels utiliza-se do conhecimento teórico adquirido com as pesquisas realizadas para o *Esboço*, e aplica-o a uma "análise concreta de situação concreta"[16]. Temas como riqueza, pauperismo, crises e desemprego, descritos no artigo de 1844, são retomados sob um novo enfoque, sob cores e tons mais realistas, descrevendo, com detalhes, o funcionamento real da economia capitalista. Do concreto ao abstrato, do abstrato ao

[13] *Ibid*, p.77
[14] Os outros dois artigos são *As Crises* (Gazeta Renana, dezembro de 1842) e *A Situação da Inglaterra* (Anais Franco-alemães, em 1844)
[15] Friedrich Engels [1845], *La situación de la clase obrera en Inglaterra*. Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1974.
[16] Expressão de V.I.Lênin

concreto pensado: este foi o percurso teórico, com base na dialética hegeliana, navegado por Engels nos seus estudos da economia política. O porto final era o conhecimento da realidade de como vivem os trabalhadores para auxiliá-los na tarefa política de superação da ordem capitalista – estamos, obviamente, falando da revolução socialista.

A situação da classe operária inglesa em meados do século XIX é relatada num linguajar moralista, mas isto não diminui o impacto da sua obra; em determinadas passagens, instiga, fustiga, choca o leitor com a descrição detalhada das condições de vida dos trabalhadores. Homens e mulheres, crianças e idosos dormiam amontoados num mesmo cômodo, alguns vestidos com farrapos, outros inteiramente nus; corpos espalhados pelo chão coberto de palhas e pedaços de pano – o espaço era mínimo para tantas pessoas. As casas não possuíam mobílias, vendidas na época de recessão e desemprego para comprar alimentos, remédios e roupas, que logo acabavam ou se desgastavam. A miséria absoluta era descrita por crônicas jornalísticas de várias cidades britânicas, e não parecia mudar de acordo com o lugar. A conclusão dos periódicos era sempre a mesma: um animal não merecia morar onde viviam os proletários.

O horror dos narradores aparece a cada palavra, a cada frase escrita. Ele é uma constante nas reportagens e relatórios oficiais sobre a situação da classe trabalhadora inglesa. O próprio Engels fica aturdido com a penúria dos trabalhadores. O cheiro nauseabundo das ruas fétidas e mal ventiladas enebria seus sentidos e marca fortemente o estilo da sua redação. Doenças, má alimentação, alcoolismo, falta de assistência médica, alta taxa de mortalidade infantil, acidentes de trabalho, deformações decorrentes do trabalho, além da exploração de homens, mulheres e crianças são aspectos da vida das grandes cidades industriais que Engels detecta com precisão. A revolta do autor, expressa muitas vezes em passagens panfletárias do livro, é proporcional ao horror vivido pelos proletários e à indiferença da burguesia aos problemas econômicos gerados pelo capitalismo.

A “questão social”, até então, era vista como um crime social, um crime cometido, ao mesmo tempo, por todos e por ninguém, um assassinato sem rosto. A elite britânica tinha para si a morte prematura dos operários como algo natural, sem causas sociais específicas e identificáveis. Por isso, ninguém poderia ser responsabilizado, e a sua prevenção seria impossível, embora desejável do ponto de vista ético-moral.

Engels vai criticar a omissão daquela elite frente aos crimes sociais cometidos contra a classe trabalhadora, afirmando: "ela *conhece* as conseqüências das suas instituições e que ela sabe que suas atuações não constituem um simples homícidio, mas sim um assassinato"[17]. E tudo isto será demonstrado com citações de documentos oficiais e informes parlamentares/administrativos sobre a "questão social", para provar a materialidade do crime.

Despontando como um jovem pesquisador de extraordinário faro científico, Engels traz à tona as mazelas sofridas pelo proletariado, e a motivação dos crimes cometidos contra a classe operária inglesa. Ele identifica a grande indústria, as relações sociais e econômicas burguesas como a fonte dos horrores e da indignação vividos cotidiamente pelos trabalhadores. O capitalismo, libertando o trabalhador da servidão feudal, logo em seguida, aprisiona-o no despotismo fabril, na organização militar do trabalho, e utiliza-o como uma coisa, uma mercadoria consumida durante o processo de trabalho. O trabalhador vira uma mercadoria como outra qualquer a ser transacionada no mercado e regulada pela oferta e demanda.[18]

A solução para os problemas sociais dos trabalhadores não era imediata, e não passava por saídas fáceis e projetos utópicos prontos e acabados. Se havia alguma solução, ela estaria no jogo político, no choque de interesses, na correlação de forças entre as diferentes classes sociais, que definiriam os rumos dos fundamentos básicos do capitalismo – o mundo da produção, a divisão social do trabalho, a cisão entre campo e cidade. Se existia uma solução, esta residiria na revolução socialista organizada pelos trabalhadores, que lutariam pelo fim da propriedade privada, da exploração do trabalho e da alienação.

Concluindo a seção, podemos dizer o seguinte: a partir da sua vivência nas fábricas e cidades inglesas, e dos seus estudos empíricos sobre a realidade de meados do século XIX, Engels tornou-se o primeiro pensador revolucionário a caracterizar a luta de classes no capitalismo como produto da grande indústria, e a fazer uma ligação teórica e prática entre industrialização e pauperismo. Pela primeira vez, um autor estabeleceu, mesmo que de forma precária e intuitiva, uma relação dialética entre pobreza e riqueza, miséria e

[17] *Ibid*, p.142
[18] *Ibid*, p.282

opulência. Antes vista como resultado da decadência feudal, a pobreza foi descrita como efeito da ascensão capitalista. Ninguém pode tirar este mérito de Engels.

III. ENGELS E *O CAPITAL*: considerações finais

Desde 1842, Engels já havia se tornado comunista e descoberto a importância da economia política no entendimento da realidade capitalista, embora suas primeiras impressões das teorias de Smith e Ricardo não tenham sido nada favoráveis aos economistas; segundo Engels, tratava-se de um sistema ideológico de falseamento da realidade a favor dos interesses das classes dominantes e opressoras.

A partir desta impressão inicial, ele colocou, como prioridade da sua agenda de pesquisa, a crítica da economia política, pois acreditava que esta mesma crítica permitiria o desvendamento da processualidade do modo de produção capitalista. Dito e feito. Marx, ainda preso aos estudos filosóficos e de jurisprudência, deslumbra-se com o *Esboço* engelsiano da crítica da economia política e passa a estudar freneticamente a teoria econômica clássica, como nos atesta os Manuscritos Econômico-Filosóficos. Desta forma, Marx rendeu-se a genialidade do texto de Engels, e adotou, para si, a tarefa de realizar um gigantesco roteiro da crítica da economia política, tendo cumprido parte do plano original nos quatro volumosos livros de *O Capital*[19].

Se O Capital é o auge da crítica da economia política no século XIX, o ponto de partida é o *Esboço* engelsiano de 1845. Como diz Ernest Mandel,

> "se Marx desenvolveu quase sozinho toda a parte econômica a teoria marxista, é a Engels que se deve a honra de primeiro ter levado Marx ao estudo da economia política e de ter compreendido, num "esboço genial", a importância central desta ciência para o comunismo".[20]

Engels foi o primeiro guia de Marx na sua descida teórica ao terreno oculto do processo de produção capitalista, onde a mais-valia, esta relação misteriosa, fetichizada pelos economistas burgueses, é produzida pelo trabalho social e cooperativo dos operários.

[19] Sobre o plano estrutural da crítica da economia política marxiana, cf. Roman Rosdolsky [1968], *Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx*, em especial o capítulo 2. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2001.
[20] Ernest Mandel, *A formação do pensamento econômico de Karl Marx: de 1843 até a redação de O Capital*, p.12. Segunda edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

Engels faz o mesmo papel do poeta Virgílio, guia de Dantes aos círculos mais baixos do Inferno[21]. Mas, ao contrário do que afirma Mandel, o papel de Engels, todavia, não se esgota como primeiro guia dos socialistas científicos ao mundo da economia política. Senão vejamos.

O uso de fontes primárias de pesquisa – Arquivo Geral, Inspeções de Fábrica e inquéritos parlamentares britânicos –, habilmente empregado por Engels no livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, serviu de inspiração para Marx, que, vinte anos depois, seguiu parcialmente o método investigativo do grande amigo para escrever extensas passagens de *O Capital*[22], em particular sobre processos de trabalho e os efeitos da acumulação capitalista.

E, acima de tudo: os livros II e III de *O Capital* só vieram a público no final do século XIX pela intervenção editorial direta de Engels, que compilou todos os alfarrábios marxianos, deu uma forma final ao texto, muitas vezes incompreensível – caligrafia virtualmente indecifrável, enormes lacunas e ausência de ligação entre os capítulos – e, por último, mas não menos importante, reinterpretou e reconstruiu o sinuoso percurso teórico-metodológico de Marx[23]. Tal intervenção foi tão importante que muitos autores marxistas, dentre eles Lênin, consideram que estes dois livros deveriam levar a assinatura autoral de Friedrich Engels – "estes dois tomos de *O Capital* são, com efeito, obra de ambos, de Marx e Engels"[24].

Assim como Engels teve a grandeza e a humildade de reconhecer o papel primordial de Marx na formulação dos princípios filosóficos do materialismo histórico e da economia política do trabalho, já é hora de reconhecermos a importância dos trabalhos de Engels na consolidação do marxismo como instrumento teórico da práxis revolucionária, sob pena de apagar da memória socialista a figura daquele que substituiu Marx na regência da grande orquestra proletária internacional[25]. Como diz Jacques Texier, "resta que é inteiramente impossível separar as obras dos dois eternos cúmplices, ainda que alguns obstinados

[21] Ao longo da Divina Comédia, Dantes tece comentários ácidos contra seus adversários, assim como Marx faz na sua crítica da economia política.
[22] David McLellan, *As idéias de Engels*, p.66. São Paulo: Cultrix, s/d.
[23] Osvaldo Coggiola, *Engels: o segundo violino*, p.101. São Paulo: Xamã, 1995.
[24] Vladimir Illitch Lênin, *Friedrich Engels*. In: Osvaldo Coggiola, *op. cit.* (Apêndice).
[25] Aqui, no Brasil, os textos juvenis de Engels, analisados no presente texto, tiveram suas últimas edições no início da década de 1980, organizadas pelo Prof. José Paulo Netto. Ou seja, há mais de vinte anos estes textos não estão acessíveis aos jovens pesquisadores brasileiros, que acabam por desconhecer clássicos do marxismo.

continuem a tentá-lo. A pesquisa marxológica não deixará, nos anos que vêm, de evidenciar o papel decisivo desempenhado por Engels"[26].

[26] Jacques Texier, *Revolução e democracia em Marx e Engels,* p.12. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.